

FEBRE
PRE
H

FBS

FBS
PRE
H

PRE
H

**POR 73% A 27%
DOS VOTOS, CONSELHO
UNIVERSITÁRIO APROVA
ADESÃO À EMPRESA
BRASILEIRA DE SERVIÇOS
HOSPITALARES. A
VOTAÇÃO OCORREU APÓS
10 ANOS DE POLÊMICA**

HOSPITAIS CORREM RISCO DE COLAPSO

> Em carta enviada ao reitor, diretores de unidades de saúde da UFRJ afirmam que instituições estão prestes a interromper atendimentos e pedem repasses emergenciais de mais de R\$ 36 milhões

KELVIN MELO
kelvin@adufrrj.org.br

A crise financeira fez os diretores do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG) e Maternidade Escola encaminharem à reitoria um pedido urgente de socorro, na semana passada. “Corremos o risco iminente de colapso com fechamento de nossas unidades com grave impacto na atenção à saúde de nossa população”, diz um trecho do documento, que é reproduzido nesta página.

Não há mais recursos suficientes para o pagamento de serviços terceirizados vitais ou para compra de insumos indispensáveis, como medicamentos e materiais de laboratório. Seriam necessários R\$ 36 milhões para zerar os déficits apresentados. O HU, maior unidade de saúde da UFRJ, precisa de R\$ 23 milhões; o IPPMG, R\$ 9 milhões; e a Maternidade, R\$ 4,3 milhões.

Ao final do Consuni passado, no dia 7, o reitor Roberto Me-



Os hospitais estão em uma situação muito dramática”

ROBERTO MEDRONHO
Reitor da UFRJ

drinho afirmou já ter enviado a solicitação das unidades de saúde ao Ministério da Educação. “Os hospitais estão em uma situação muito dramática”, disse. “Fico me perguntando quantas pessoas deixaram de ser salvas pela redução continuada histórica do número de leitos. E quantas deixarão de ser salvas, se continuarmos com 160, 180 leitos no HU. Estou lutando por aqueles pacientes que não têm planos de saúde, que são

exclusivamente Sistema Único de Saúde”, completou.

RECURSOS SÓ ATÉ JUNHO

A universidade não tem dinheiro para ajudar. Ainda no Consuni do dia 7, o pró-reitor de Finanças, professor Helios Malebranche, informou que a reitoria tem cortado gastos importantes para manter as despesas consideradas essenciais, como auxílios estudantis.

Já o quadro para 2024 é mais grave ainda. “As necessidades mínimas da universidade, sem nenhuma expansão, são da ordem de R\$ 540 milhões. Nosso orçamento é de R\$ 388 milhões”. Se não houver nenhuma melhoria deste cenário e, mesmo que a UFRJ consiga equacionar algumas dívidas, o pró-reitor informou que os recursos só irão durar até junho do ano que vem.

A reitoria conta com a adesão à Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh) para aliviar a situação orçamentária. A instituição gasta R\$ 80 milhões anuais com a manutenção dos hospitais universitários. Dinheiro que poderá ser transferido para outras despesas da UFRJ.



Rio de Janeiro, 05 de dezembro de 2023

De: Prof. Giuseppe Pastura, Diretor Geral do Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira; Prof. Joffre Amin Júnior, Diretor Geral da Maternidade Escola; e Prof. Marcos Alpoim Freire, Diretor Geral do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho

Para: Prof. Dr. Roberto de Andrade Medronho

Magnífico Reitor da UFRJ

Assunto: Crise de custeio dos hospitais universitários da UFRJ

Magnífico reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Prof. Dr. Roberto de Andrade Medronho

Cumprimentando-o, gostaríamos de informar V.S.ª a respeito da grave situação de custeio de nossas unidades hospitalares neste final de ano. Não há mais recursos suficientes para o pagamento de serviços terceirizados vitais para o funcionamento dos hospitais, como, por exemplo, alimentação coletiva e manutenção predial, nem para o pagamento de insumos indispensáveis para a atenção direta de nossos pacientes, tais como, medicamentos, materiais de laboratório, dentre outros.

Corremos o risco iminente de colapso com fechamento de nossas unidades com grave impacto na atenção à saúde de nossa população, sem mencionar a repercussão jornalística que terá tal fato.

Abaixo, seguem os déficits atuais de cada unidade:

Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira

- a. Prestação de Serviços: R\$ 3.295.579,00
- b. Material de Consumo: R\$ 1.095.488,79
- c. Total: R\$ 4.391.067,79

Maternidade Escola

- a. Prestação de serviços: R\$ 4.000.000,00
- b. Material de consumo: R\$ 5.000.000,00
- c. Total: R\$ 9.000.000,00

Hospital Universitário Clementino Fraga Filho

- a. Prestação de serviços: R\$ 11.000.000,00
- b. Material de consumo: R\$ 12.000.000,00
- c. Total: R\$ 23.000.000,00

Respeitosamente, solicitamos que V.S.ª faça a intermediação para que o Ministério da Educação envie suplementação orçamentária de custeio de forma imediata para a universidade visando a manutenção do funcionamento de nossas unidades.

PROFESSOR-POETA, KUBRUSLY DEIXA UMA LEGIÃO DE ÓRFÃOS

INTERNET



Faleceu no domingo (10), em Teresópolis, o professor, poeta e matemático Ricardo Silva Kubrusly, titular do Instituto de Matemática. O docente foi vítima de um infarto fulminante aos 72 anos.

Entre 2005 e 2007, Ricardo Kubrusly foi 1º Secretário da AdUFRJ. Nedir do Espírito Santo, vice-presidente da seção sindical e docente do Instituto de Matemática, lembra do tom irreverente e diferenciado do colega. “Era aquele tipo de pro-

fessor que ensinava tocando violão, cantando música. Fará tanta falta”, lamenta.

Nas redes sociais, muitos colegas e ex-alunos prestaram homenagens. “Um professor incrível, vai deixar saudades. Seus ensinamentos estarão pra sempre em nossos corações”, resumiu a ex-aluna Fernanda Lopes.

Kubrusly possuía graduação em Engenharia Civil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1973), mestrado

em Estruturas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1976), doutorado em Ciências pela University of Texas at Austin (1981) e Pós-doutorado pela Purdue University (1990). Era docente do Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia da UFRJ.

A atual diretoria da AdUFRJ lamenta a perda e presta solidariedade aos amigos e familiares neste momento de dor.

ASSEMBLEIA

QUARTA
13/12
10H

A SER REALIZADA NO FORMATO HÍBRIDO:
NO CENTRO DE TECNOLOGIA
BLOCO D, SALA 201
E VIRTUAL, ATRAVÉS DO ZOOM

AdUFRJ

PAUTA ÚNICA:

DELEGAÇÃO PARA O 42º CONGRESSO DO ANDES, EM FORTALEZA, NOS DIAS 26, 27, 28 E 29 DE FEVEREIRO E 1º DE MARÇO DE 2024

AGENDA:

- 10H - PRIMEIRA CONVOCAÇÃO COM O QUÓRUM MÍNIMO DE DOCENTES
- 10H30 - INÍCIO DA AG COM QUALQUER NÚMERO DE DOCENTES
- 10H30 ÀS 10H40 - INFORMES DA DIRETORIA
- 10H40 ÀS 11H - INFORMES DAS UNIDADES
- 11H ÀS 12H - DISCUSSÃO DA PAUTA ÚNICA
- 12H - ENCERRAMENTO



WILLIAM SANTOS/ME/UFRJ



ARQUIVO ADUFRJ

Com 73% dos votos, Consuni aprova Ebserh

> Após dez anos de polêmica, Consuni aprova assinatura de contrato com a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares para gestão do Hospital Universitário, do IPPMG e da Maternidade Escola

KELVIN MELO
kelvin@adufrrj.org.br

A UFRJ aprovou a adesão à Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares, na segunda-feira (11). Por 35 votos a favor e 13 contra (73% a 27%) e nenhuma abstenção, o Consuni decidiu que o Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, o Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG) e a Maternidade Escola serão administrados pela Ebserh.

“Estou muito, mas muito feliz. Eu vivi o momento áureo das nossas unidades hospitalares e agora há uma grande esperança de que retomemos aqueles tempos áureos”, disse o reitor Roberto Medronho ao Jornal da AdUFRJ. “A maioria dos conselheiros entendeu a situação dramática em que se encontram nossas unidades hospitalares”, completou.

O reitor acredita que a adesão transformará o ensino, pesquisa, extensão e assistência à saúde de dos três hospitais. “Teremos um acréscimo de 129 leitos e mais de novos 1,2 mil funcionários contratados por concurso via CLT. Teremos uma gestão focada na melhoria da excelência de tudo que nós fazemos”.

A deliberação encerra uma polêmica de dez anos. Em 2013, quando a possibilidade de adesão das unidades de saúde da instituição foi discutida pela primeira vez — e após turbulentas sessões —, o Consuni resolveu apostar na construção de uma solução alternativa que jamais foi formulada pelos proponentes. Em 2021, após crescente crise nos hospitais, o conselho autorizou a reitoria a iniciar negociações com a empresa. Agora, a UFRJ deixa de ser a única universidade fora da Ebserh com hospital exclusivo para o Sistema Único de Saúde.

Durante a sessão, houve a leitura de 12 pareceres de vista ao relato original da Comissão de Desenvolvimento do Consuni — favorável à adesão.

A professora Walcy Santos, representante dos titulares do CCMN no Consuni, apresentou um dos pareceres pela assinatura do contrato. A docente observou que a Ebserh gere mais de 40 hospitais universitários, “que aumentaram seu potencial de atendimento e melhoraram de modo significativo sua gestão”.

Walcy também defendeu a adesão com um emocionante relato pessoal. Em 1982, então aluna do mestrado, vivendo apenas da bolsa, ficou grávida e só conseguiu amparo junto às unidades de saúde da UFRJ. “Tentei atendimento em alguns hospitais públicos, sem sucesso. O HU me acolheu, onde fiz meu pré-natal. Minha filha nasceu na Maternidade Escola e teve seu primeiro ano de atendimento todo no IPPMG. Hoje não sei se conseguiria todo esse atendimento que foi fundamental para a saúde de minha filha”, afirmou Walcy.

“Sou eternamente grata aos hospitais da UFRJ e luto para que eles possam melhorar cada vez mais. Por isso, sou favorável ao parecer exarado pela Comissão de Desenvolvimento que indica que o contrato seja assinado”, disse.

Coordenadora geral do Sintufij e representante dos técnicos-administrativos no colegiado, Marta Batista foi contra a adesão. A conselheira afirmou que documentos importantes para o debate não ficaram disponíveis para o Consuni. “Os anexos (da minuta do contrato) não foram enviados para análise da Comissão de Desenvolvimento”, disse.

Marta citou o relatório da comissão paritária formada pela reitoria para criticar o desempenho da Ebserh. “Nos leitos de média complexidade, houve queda. Quando consideramos



FERNANDO SOUZA



Sou eternamente grata aos hospitais da UFRJ e luto para que eles possam melhorar cada vez mais. Por isso, sou favorável ao parecer exarado pela Comissão de Desenvolvimento que indica que o contrato seja assinado”

PROFESSORA WALCY SANTOS
Representante dos titulares do CCMN

hospitais que há dez anos tinham 300 leitos ou mais, como o HU, observamos também que houve queda”, disse.

A representante dos técnicos lembrou a experiência da UFRJ na pandemia, quando o governo investiu em insumos e pessoal e o hospital universitário aumentou sua capacidade de atendimento. “Não precisa de intermediário”, disse, em referência à Ebserh.

SESSÃO REMOTA

O Consuni aconteceu em meio remoto. O formato atendeu a um pedido da maioria dos conselheiros após a manifestação contra a Ebserh que inviabilizou a reunião anterior, no auditório do Parque Tecnológico, dia 7.

“Quereria agradecer a sensibilidade do reitor em convocar esta

sessão remota atendendo a um pedido assinado por 34 dos 60 conselheiros. Pelo menos dois conselheiros passaram mal, devido ao clima gerado pelas manifestações com palavras de ordem, som de bumbos e tambores”, afirmou o professor Ricardo Medronho, representante dos eméritos no colegiado. “Essa é uma forma completamente antidemocrática que visa cassar a palavra das pessoas”.

O parecer aprovado no Consuni foi lido pelo decano do CCMN e relator da matéria, professor Cabral Lima. “A minuta de contrato, fruto do processo de negociação entre UFRJ e Ebserh, foi examinada pela Procuradoria Federal da UFRJ, que a considerou apta para assinatura por parte da UFRJ”, destacou o docente.

RAIOX

dos professores da UFRJ

ANA BEATRIZ MAGNO
E SILVANA SÁ
comunica@adufjr.org.br

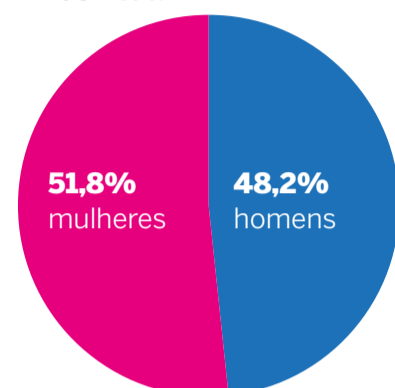
Os professores da UFRJ são majoritariamente brancos, homens e moradores da Zona Sul carioca. Esse perfil – ainda dominante na universidade – foi conseguido graças a uma nova ferramenta elaborada pela Pró-Reitoria de Pessoal (PR-4). Trata-se de um painel de informações estatísticas de servidores docentes e técnicos-administrativos. A plataforma foi lançada no dia 5 de dezembro, durante webnário promovido pela PR-4. A AdUFRJ foi representada pela presidenta Mayra Goulart.

Neuza Luzia Pinto, pró-reitora de Pessoal, destacou a importância de uma universidade conhecer quem são os seus servidores. “Esse é mais um instrumento que a PR-4 oferece para a universidade e para a sociedade. Os dados mostram um espelho dos nossos servidores. Responde sobre quem somos, quantos somos, onde estamos, onde moramos”, exemplificou.

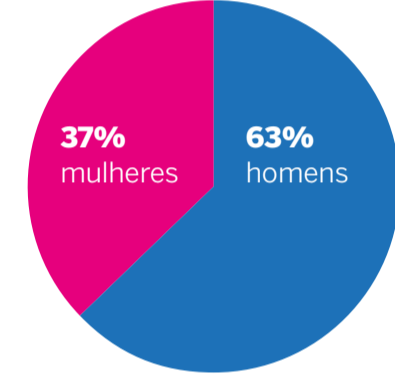
Ao Jornal da AdUFRJ, Neuza explicou que a iniciativa é um dos marcos dos cem dias de gestão e que é fruto de um desejo do reitor Roberto Medronho. “Quando houve a criação do grupo de transição, Medronho anunciou a necessidade da criação de uma política de pessoal que nos permitisse acabar com a política de balcão. Essa era nossa meta”, lembrou. “Para alcançarmos este patamar, precisamos construir métodos e ferramentas. Por isso, o painel, por isso o PGD (Programa de Gestão e Desempenho). Precisamos nos conhecer e ter formas de medir a produção, discutir a carreira e distribuição dos técnicos como fazemos com a carreira do professor”, defendeu.

Mayra Goulart destacou em sua intervenção o recorte de gênero possibilitado pela plataforma. O corpo funcional da universidade, ela demonstrou, é composto por 51,8% de mulheres, entre professoras e técnicas. No entanto, elas ocupam apenas 37% dos cargos de gestão e direção na universidade. “A plataforma da PR-4 deixa muito nítido que nós estamos privadas desse

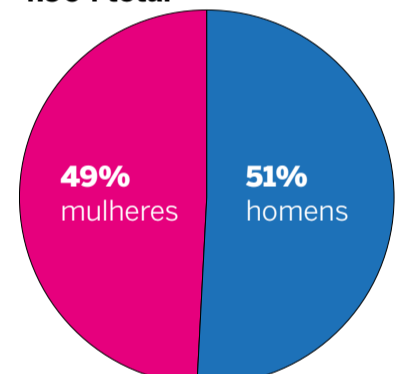
SERVIDORES ATIVOS
14.032 total



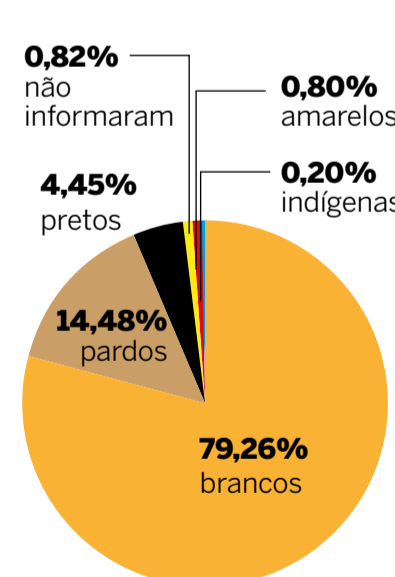
Cargos de direção (CDs)
148 total



DOCENTES
4.904 total



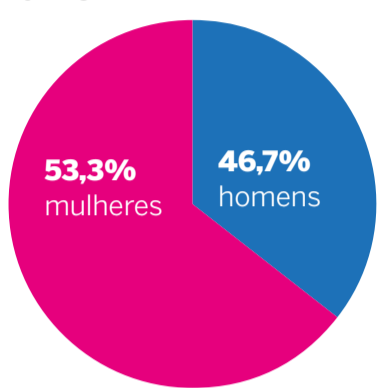
Etnias dos docentes



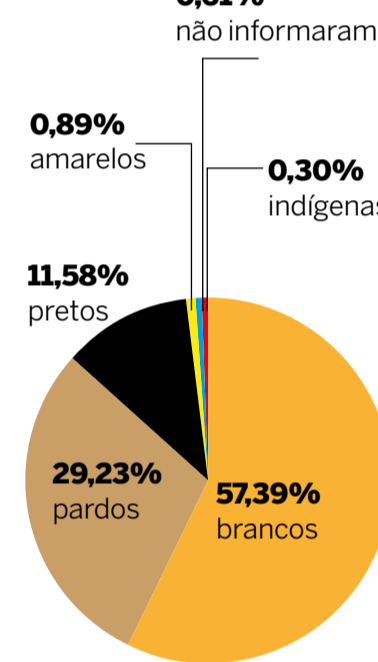
espaço de poder”, afirmou a cientista política. “Quando a gente traz informação sobre os marcadores sociais, a gente percebe que há uma minoria ‘maioritizada’, que são os homens brancos e de classe média-alta”, disse.

Mayra também destacou o local de moradia como marcador importante na análise do corpo funcional. Sobre o recorte

TÉCNICOS:
9.128



Etnias dos técnicos



MULHERES MINERVA

O poder na UFRJ não retrata a universidade. Em números absolutos, há muito mais mulheres que homens na instituição, mas elas ocupam um percentual minoritário dos cargos de direção. As mulheres respondem por 51,8% dos 14.032 docentes e técnicos. Ao todo são 7.267 mulheres e 6.765 homens. Já os 138 cargos de direção, com maiores responsabilidades e remunerações, estão amplamente concentrados em mãos masculinas. São 87 homens e apenas 51 mulheres recebendo as chamadas CDS, funções divididas em quatro categorias, entre elas a CD1, a mais alta do reitor, e CD2, a da vice-reitora e a dos sete pró-reitores. Nesse mesmo quesito da distribuição de poder na universidade, a comparação racial é ainda mais cruel. Das 138 CDS, apenas 9 são ocupados por docentes e técnicos que se declaram negros. Nas CD1 e 2, as mais elevadas, não há negros. Vale ressaltar que, apesar de todo o esforço para enegrecer a UFRJ, ainda há uma disparidade enorme entre a população e o quadro funcional da universidade. Há apenas 1.276 docentes e técnicos negros de um total de 14.032 servidores, o que corresponde a menos de 10%, percentual infinitamente menor do que a média de negros na sociedade brasileira, 55,8%. Quando examinamos apenas os docentes, chegamos a características bastante peculiares. Há 4.904 docentes ativos, sendo 51% homens e 49% mulheres. Desse total, menos de 5% são pretos e 79,26% são brancos. Entre os docentes ativos, apenas 661 são professores titulares – estão no topo da carreira. Na classe inicial, de auxiliar, há 207 docentes. A maior concentração é na categoria de associados, com

1.453 professores. A titulação é também outro fator significativo. Mais de 80% dos docentes, precisamente 82,7%, são doutores. A distribuição de docentes por unidades acadêmicas é relativamente desigual. A maior concentração está no CCS, com mais de 30% das professoras e professores, o que significa 1.418 docentes lotados no Centro de Ciências da Saúde. As humanidades ficam em segunda posição, com 711 docentes no CFCH. O menor Centro é o CCJE, com menos de 9% das professoras e professores. O último indicador relevante no estudo é o de inclusão. A maior universidade do Brasil tem apenas 29 docentes com alguma necessidade especial, sendo nove deficientes auditivos.

docente. “E onde moram os professores?”, ela indagou. “Sessenta e três por cento estão na Zona Sul”, apontou Mayra. “Saúdo a iniciativa da PR-4, porque é nos conhecendo que poderemos combater as nossas desigualdades”, finalizou a professora.

A plataforma pode ser acessada em pessoal.ufjr.br/pessoal-em-numeros.



#OrgulhoDeSerUFRJ

HORA DE DECISÃO

> Votação do orçamento da União está prevista para 21 de dezembro. Proposta do governo, em tramitação no Congresso, reduz verbas discricionárias das universidades federais

KELVIN MELO
kelvin@adufjr.org.br

Falta pouco tempo para a comunidade acadêmica saber se 2024 será um ano feliz para as universidades federais. No dia 21, está prevista a votação do orçamento no plenário do Congresso. De acordo com proposta enviada pelo governo, ainda em discussão por deputados e senadores, as já insuficientes receitas discricionárias das instituições de educação superior são reduzidas em quase R\$ 100 milhões em relação a este ano.

“Não voltamos aos patamares de Jair Bolsonaro, mas a previsão de 2024 é menor do que as receitas deste ano. Precisamos denunciar essa redução”, afirmou a presidenta da AdUFRJ, professora Mayra Goulart, durante debate realizado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, dia 5. “Agora é o momento de pressionar o seu deputado, de pressionar o seu movimento social para ir a Brasília pedir mais recursos para a educação superior”, completou.

A AdUFRJ exerce esta função na coordenação do Observatório do Conhecimento, rede de associações docentes que defende a universidade pública. “Nosso papel é pegar dados já disponíveis e transformá-los em peças de comunicação, mobilização e de advocacy para atuar na sociedade civil e junto aos tomadores de decisão com o propósito de sensibilizá-los para a defesa da universidade”, explicou Mayra. “A gente pede a ajuda de vocês para expandir essa pressão. Estamos diante de um governo social-democrata, que é mais suscetível a pressões populares”, disse a presidenta do sindicato aos colegas e estudantes da Rural.

Uma pressão que deve ser feita para buscar orçamento discricionário – que custeia o funcionamento geral das universidades –, além de emendas parlamentares. “Não é para deixar de lutar por emendas, mas o dinheiro desembolsado sob a forma de emenda não só implica uma perda de autonomia por parte dos reitores como cria desigualdade dentro da universidade. Aqueles grupos que têm mais capacidade de obter renda vão ter mais acesso a recurso”, disse. “Isso gera concorrência dentro da própria universidade e entre universidades por um montante que deveria ser garantido pelo governo federal”, concluiu.

Uma realidade bem difícil nos dias atuais, como confirmou o reitor da Rural, professor Roberto Rodrigues. “Semana passada fui a Brasília. Você senta à mesa com o ministro, o ministro não tem recurso. Você senta à mesa com o parlamentar, ele tem o recurso”, informou. “Você tira o poder de quem faz as políticas de desenvolvimento do Estado, que é o Executivo, e coloca na mão do Legislativo. Há sete anos, os ministérios tinham recursos; hoje, o recurso é liberado pelo parlamentar”.

Somado a isso, é preciso considerar que a universidade pública é uma autarquia diferente das outras, o que dificulta o gerenciamento do escasso orçamento. “Uma autarquia federal tem poder de aquisição e execução em coisas muito centradas. Já a universidade é plural na aquisição. Hoje, uma universidade pública precisa comprar comida para laboratório de animais, medicamentos para animais. Faz obras para restaurante universitário, obra para hospital veterinário, obra de acessibilidade”. O quadro é agravado pela cres-

cimento, a informação qualificada pode fazer a diferença para a mobilização das comunidades acadêmicas. Na Rural, a tarefa foi abraçada pelo Observatório de Política Macroeconômica, que lançou o Boletim Econômico das Universidades Federais, durante o debate do dia 5.

O documento – que poderá ser acessado no link desta matéria no site da AdUFRJ – apresenta um conjunto de dados sobre o descompasso entre o financiamento reduzido e a necessidade de mais recursos para a manutenção da infraestrutura e assistência estudantil, nos últimos anos.

Um exemplo são as verbas para apoiar os alunos, que saltaram de quase zero em 2000 para R\$ 1,41 bilhão em 2015, segundo o boletim. Em seis anos, caiu para R\$ 940 milhões e somente em 2023, houve uma pequena recomposição do montante para R\$ 1,09 bilhão. O orçamento não acompanha o percentual de matriculados com origem em famílias de baixa renda, que passou de 1% em 2009 para 15% em 2019, que é o dado mais recente.

Coordenadora do Observatório de Política Macroeconômica, a professora Luciana Ferreira destacou a importância do boletim, que será trimestral. “Não adianta argumentar sobre o que não conhecemos. O boletim é um produto do Observatório para tomarmos conhecimento da realidade orçamentária das universidades”, disse.

MINISTÉRIO SEM DINHEIRO

Uma realidade bem difícil nos dias atuais, como confirmou o reitor da Rural, professor Roberto Rodrigues. “Semana passada fui a Brasília. Você senta à mesa com o ministro, o ministro não tem recurso. Você senta à mesa com o parlamentar, ele tem o recurso”, informou. “Você tira o poder de quem faz as políticas de desenvolvimento do Estado, que é o Executivo, e coloca na mão do Legislativo. Há sete anos, os ministérios tinham recursos; hoje, o recurso é liberado pelo parlamentar”.

Somado a isso, é preciso considerar que a universidade pública é uma autarquia diferente das outras, o que dificulta o gerenciamento do escasso orçamento. “Uma autarquia federal tem poder de aquisição e execução em coisas muito centradas. Já a universidade é plural na aquisição. Hoje, uma universidade pública precisa comprar comida para laboratório de animais, medicamentos para animais. Faz obras para restaurante universitário, obra para hospital veterinário, obra de acessibilidade”. O quadro é agravado pela cres-



cente terceirização dos serviços na universidade. O reitor deu o exemplo da vigilância na Rural. “São 38 trabalhadores para proteger esses quatro campi da nossa universidade. Isso nos

empurra obrigatoriamente para onde? Segurança privada. Esses que estão, em sua maioria, em condições de se aposentar, não serão recompostos por servidores públicos”, afirmou.

“Se não defendermos essa universidade pública, que hoje é da classe trabalhadora, ela pode se extinguir. Ela pode deixar de existir como a conhecemos hoje”, alertou o dirigente.

ADUFRJ ENTREGA CARTÃO MINISTRO

A presidenta da AdUFRJ, professora Mayra Goulart, entregou um documento sobre a crise orçamentária das universidades – e da UFRJ, em especial – para a secretaria de Educação Superior, Denise Pires de Carvalho, e para o ministro da Educação, Camilo Santana, na tarde da quarta-feira (6). Os representantes do MEC, ao lado do presidente Lula, estiveram no Rio para a cerimônia de credenciamento do Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (Impa) como Instituição de Educação Superior. O Impa está autorizado a oferecer o bacharelado em Matemática da Tecnologia e Inovação a partir de abril de 2024.



ONDE VIVEM OS PROFESSORES? DEZ BAIRROS CARIOCAS COM MAIS DOCENTES DOMICILIADOS

352	350	294	276	265	223	123	106	96	91
Copacabana	Botafogo	Laranjeiras	Tijuca	Flamengo	Barra	Jd. Guanabara	Ipanema	Leblon	Recreio

INFORMAÇÃO QUALIFICADA
Na disputa política por mais or-

Artigo

ALEXANDER W. A. KELLNER,
Diretor do Museu Nacional/UFRJ

UM QUARTO DE SÉCULO NO MUSEU NACIONAL/UFRJ

Ingressei no Museu Nacional/UFRJ em 21 de agosto de 1997 e acabo de completar 26 anos nessa instituição bicentenária. Na realidade, como talvez alguns possam imaginar, pensei em escrever esse texto no ano passado, mas simplesmente fui atropelado pelo trabalho e pela vida...

Quando passei no concurso, não conseguia esconder minha felicidade! Como já disse diversas vezes, a instituição que mais me encantava para trabalhar no Brasil era justamente o primeiro museu fundado no país. Muitos eram os sonhos, mesmo consciente dos enormes desafios que a instituição enfrentava. Na minha avaliação, a solução para uma melhoria das condições do Museu estava diretamente relacionada a um trabalho intenso na sua marca, algo que não estava sendo feito de forma efetiva. A meu ver, não seria possível que a sociedade, sabendo da importância da instituição, não procurasse ajudar a resolver as questões prementes de infraestrutura. E era necessário mostrar as condições precárias juntamente com o enorme potencial deste que é o maior museu de história natural e antropologia da América do Sul.

Aqueles primeiros meses não foram tão fáceis. Eu tinha voltado dos Estados Unidos, tendo realizado o doutorado em Nova Iorque, na *Columbia University* que mantinha um programa de pós com o *American Museum of Natural History*. Havia passado cinco anos em um escritório destinado aos estudantes que tinha vista para o Central Park. Sei que parecerá difícil acreditar, mas eu tinha à minha disposição recursos para desenvolver qualquer pesquisa na minha área (paleontologia), desde que justificasse e produzisse resultados (em tempo, foi ali que, ainda aluno de doutorado, publiquei o meu primeiro paper na Nature).

A realidade no Museu Nacional me trouxe algum choque. Para começar, o meu escritório, compartilhado com outros, ficava em um ambiente “dominado” por gatos, com todos os ônus (e sem muitos bônus) que se pode imaginar... Importante frisar que, na época, fui muito bem acolhido pelos meus colegas de setor, talvez já acostumados e ambientados com aquela situação, que era estranha para mim. Depois de algum tempo, chegamos a um acordo, limpamos e reformamos o Setor de Paleovertebrados, com divisões minimamente decentes e um (micro!) espaço para alunos.



FOTOS: FERNANDO SOUZA

Ainda no início, houve a minha primeira experiência com o perigo de um incêndio. Estava em meu escritório e uma gritaria fez com que eu fosse para a área de coleção: fumaça saindo de uma daquelas lâmpadas fluorescentes! Felizmente, ela parou logo, sem nenhuma intervenção. No dia seguinte, o administrador da época explicou, para um “novato desconfiado”, que não havia risco real e que era normal que essas lâmpadas, quando queimavam, soltassem aquela fumaça...

Não me perguntem o porquê, mas, mal havia chegado, fui convidado para me tornar chefe do departamento de Geologia e Paleontologia (DGP). Quem me incentivou — e fez a campanha — foi a minha querida amiga Beth Zucolotto. Nessa época também veio a oportunidade de fazer uma exposição — uma longa história... Depois de idas e vindas, No Tempo dos Dinossauros abriu na quinta-feira, 10 de junho de 1999, alguns dias depois do aniversário de 181 anos da instituição, se transformando em um sucesso instantâneo! Filas no parque da Quinta da Boa

Vista! Foi a mostra de paleontologia de maior sucesso realizada até aquela data. Juntava a marca Museu Nacional/UFRJ com ações na mídia (não havia mídias sociais naqueles anos) graças ao assessor de imprensa, o querido Pedrosa. Ele foi levado para o Museu pela colega Simone Mesquita (uma lutadora, sempre procurando modernizar a instituição), que convenceu o melhor diretor do Museu das últimas décadas, Prof. Luiz Fernando Dias Duarte (que, entre outras conquistas, batalhou a verba para essa exposição e outras iniciativas com a PETROBRAS, e, também, foi quem trouxe a fundação VITAE de volta para o Museu), da necessidade de ter um canal mais direto com a sociedade através da mídia! Óbvio? Não para a instituição até aquele tempo. Essa exposição também possibilitou a montagem de uma réplica do primeiro dinossauro brasileiro — *Staurikosaurus pricei* — um trabalho de Helder de Paula Silva, um preparador de mão cheia que fez escola na preparação de fósseis a nível nacional. Outro destaque que veio com a exposição foi o talentoso Maurílio Oliveira — grande artista que, de certa forma, pode ser considerado uma espécie de “pai da paleoarte brasileira”. A arte de Maurílio foi fundamental para o sucesso da

exposição. E tantos outros trabalharam muito para aquela iniciativa!

Entre os resultados, tivemos verba para instalar um laboratório de preparação de vertebrados fósseis (a sala habitada por dois morcegos que eu havia batizado de Minnie e Mickey) e reformar a área de coleções. Saíram armários infestados de cupins e entraram os primeiros arquivos desluzantes modernos — hoje comuns. Acredito que essa iniciativa modificou a paleontologia no Brasil, uma vez que despertou o interesse da imprensa pela pesquisa de fósseis, que se expandiu para as pesquisas realizadas por paleontólogos em outros estados brasileiros. E para o Museu, uma dotação orçamentária mais expressiva. Uma verdadeira revolução em diferentes campos!

Logo depois da abertura dessa mostra, muitos colegas vieram conversar comigo se eu não queria me candidatar para a direção do Museu. Até mesmo o diretor Luiz Fernando havia comentado em uma ocasião que seria algo em que eu deveria pensar. No entanto, por mais que muitos imaginassem que eu nutria essa ambição, sempre me esquivei da ideia. Vim da experiência da iniciativa privada, havia passado pelos Estados Unidos, onde direitos e deveres são conceitos bem definidos, e

estava iniciando no serviço público, um ambiente muito diferente. Não ia dar certo. Ademais, era muito jovem, e queria desenvolver a minha carreira.

Até que, na reunião magna da Academia Brasileira de Ciências (na qual ingressei em 1996 como Membro Correspondente e em 2003, como Membro Titular), realizada em 06 de maio de 2015, após uma palestra sobre o Museu, acadêmicos me perguntaram o que poderia ser resumido assim: o que você está fazendo pelo Museu Nacional? Por mais que me esquivasse e desse as já tradicionais explicações (ministrar aulas, orientar alunos, realizar pesquisa e proferir palestras críticas sobre a situação do Museu), eles me convenceram a pelo menos pensar no assunto da direção.

Depois de algum tempo (não sou muito impulsivo para uma tomada de decisões de grande impacto pessoal e costume analisar prós e contras), resolvi me preparar para uma candidatura que ocorreu em 2017. Antes da primeira apresentação pública (uma longa história) que acabei fazendo para técnicos-administrativos em educação, um deles, que torcia pelo sucesso da candidatura, me aconselhou a não falar em mudanças, pois as pessoas são refratárias a transformações, mesmo ele sabendo que eu iria mudar muita coisa. Não pude seguir esse conselho: na minha apresentação, improvisada, deixei claro para todos que precisaríamos mudar a maneira com a qual nos relacionávamos com a sociedade! Isso teria que passar por questões internas, caso contrário, uma candidatura como a minha não valeria a pena para ninguém: nem para o eleitorado e nem para o candidato. Na época, eu previ que iria haver uma segunda chapa, com perfil mais ameno e que não iria mudar muita coisa. Houve. E o resultado da eleição: com 63,72% (contra 32,24% da outra chapa; 0,12% brancos; 3,92% nulos) a chapa “Para além dos 200 anos – revitalizando

o Museu Nacional” venceu a consulta. A instituição ansiava por mudanças — isto bem antes da tragédia (ao contrário da afirmação de alguns)!

Logo no início, muitas transformações — demais para listar aqui (sim, estou escrevendo um livro a respeito): organização administrativa, incluindo a instituição de uma chefia de gabinete; início de um plano museológico; fortalecimento do setor de museologia com foco nas exposições — uma das maneiras de diálogo com a sociedade; funções gratificadas — mais raras na instituição do que os fósseis que pesquisa; cursos teóricos e práticos ministrados pela Defesa Civil para medidas preventivas e primeiras ações no caso de incêndio (mais de 90 foram treinados); abertura para segmentos da sociedade, mostrando o potencial de uma parceria com o Museu; contatos com o entorno; dedicação integral para a viabilização do projeto do BNDES — que já tramitava, morosamente, por alguns anos; e muito mais! Até mesmo o antigo gabinete do diretor foi reaberto, mostrando a realidade da instituição: grandeza, refletida pela imponência da sala e do mobiliário, com problemas, retratados pelas paredes descascadas por conta das infiltrações. Era necessário tratar dos problemas e havia a necessidade de envolver a sociedade.

A posse festiva da nova diretoria ocorreu na sexta-feira, 13 de abril de 2018, ilustrando bem que a instituição navegava por novos rumos: mais de 300 (!) pessoas em um auditório e salas anexas lotadas, com, além de membros de diversas unidades da UFRJ, representantes da sociedade civil: empresários, políticos e representantes de governos estrangeiros! E muitas pessoas de bem, entusiasmadas com as mudanças em curso.

Então houve a festa dos 200 anos do Museu. Foi grandiosa, apesar da marcada ausência de ministros de Estado, ilustrando o contínuo descaso com o pri-

meiro museu do Brasil! Um dia antes, 5 de junho, houve, finalmente, a assinatura do contrato com o BNDES, que traria o financiamento para dias melhores. E a abertura de uma exposição patrocinada pela PETROBRAS!

Tudo ia bem, até o início da noite do domingo de 2 de setembro de 2018, quando o maior pesadelo da instituição se concretizou. Menos de sete meses da posse... Pessoalmente defendo que essa data entre para o calendário nacional como um dia para a reflexão sobre a necessidade de proteção do patrimônio científico e cultural.

Desde então, o mundo para o corpo social do Museu mudou. Momentos de muita frustração, aliadas a demonstrações de muita solidariedade! A imagem do abraço dado ao palácio no dia seguinte pelo corpo social que envolveu estudantes das escolas públicas do entorno jamais deixará de emocionar... Como também deve ser vista com muito respeito e admiração a resiliência dos servidores da instituição: muitos não se deixaram abater, transformaram o luto em luta e poucos dias depois da tragédia surgiu o mote: O Museu Nacional VIVE!

Este mote se tornou o Projeto Museu Nacional Vive (<https://museunacionalvive.org.br/>), que está a frente da reconstrução principalmente do palácio e da biblioteca central. Nestes cinco anos, houve avanços: temos um terreno de 43.400 m² onde se projeta o futuro e esperança da instituição, pois ali serão construídos os novos laboratórios e edificações para abrigar as coleções! Nunca é demais enfatizar a necessidade de apoiar a pesquisa que é o grande diferencial deste museu para muitos outros. Também estão planejadas edificações contendo as salas de aula em um parque no qual o público poderá passar algumas horas e se inteirar um pouco sobre a atividade de pesquisa do Museu.

Como pode ser imaginado, nem tudo são flores... As dificuldades ainda são

muitas e o governo que passou não facilitou em nada a reconstrução. Até mesmo acusações de que a direção fazia parte de um partido político e que estava construindo no lugar do palácio um Shopping Center com apoio da UNESCO — uma verdadeira aberração — foi difundido. E o pior: esse absurdo “colou”, atrasando em muito o projeto.

Porém, com o início deste ano, no qual estou há um quarto de século na instituição, a esperança voltou! Recebemos um apoio fundamental do Excelentíssimo Sr. Camilo Santana, Ministro da Educação, que trouxe o Presidente Lula para o Museu! E com o novo governo veio a promessa de auxiliar o Museu para que este reabra as portas em abril de 2026! Não será fácil e ainda há muito que fazer. Nem sempre encontramos o apoio que poderia nos ser dado, inclusive por unidades da própria universidade, seguindo (infelizmente) à risca o provérbio: ‘Casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão’.

Não existe possibilidade de declinar do apoio da iniciativa privada para evitar o estado de sucateamento das universidades. Também há que se pensar em maneiras diferentes para financiamentos, particularmente na questão da reconstrução de Museu Nacional/UFRJ, que requer uma quantidade de fundos considerável, inclusive para a sua manutenção. Teremos que ter mais apoio tanto do governo federal e da sociedade, incluindo o empresariado. Mas, olhando para os últimos cinco anos, tenho a percepção de que estamos na direção certa! Isso graças à UFRJ e aos parceiros como BNDES, UNESCO, Instituto Cultural Vale, Bradesco, governo da Alemanha e o governo brasileiro que, sobretudo através do MEC, tem nos permitido sonhar!





KALEIDOSCÓPIO

O Paço Imperial é o cenário da nona edição da Bienal da Escola de Belas Artes da UFRJ. O tema deste ano é "Kaleidoscópio". Em cartaz até 24 de março, o evento na Praça XV reúne 76 lindas e intrigantes obras de 54 artistas. O público pode visitar de terça a sábado, das 12h às 18h, e no domingo, das 12h às 17h. A entrada é gratuita.

